

O PRIMEIRO-MINISTRO PINHEIRO DE AZEVEDO FOI CALOROSAMENTE RECEBIDO NA SEDE DO DISTRITO

ALMIRANTE Pinheiro de Azevedo, Primeiro Ministro do VI Governo Provisório, deslocou-se na terça-feira a Faro, onde foi alvo de calorosa recepção. Ao desembarcar no Aeroporto, recebeu honras militares, prestadas por um destacamento do E. I. F. comandado pelo major Gonçalves Moreira. No percurso para o Governo Civil, onde lhe seriam dadas as boas vindas pelo chefe do Distrito, dr. Almeida Carrapato, foi saudado por muitos populares. Após almoço oferecido pelo comandante da Região Militar do Sul, brigadeiro Pezarat Correia, reuniu na Junta Distrital com os membros do Gabinete do Planeamento e da Comissão Regional do Emprego, e representantes das Comissões Administrativas de vários Municípios, que lhe expuseram alguns dos mais instantes problemas da Província, tendo em conta considerações de natureza política, social e económica.

garvia, onde apetece ficar de férias. Se não fossem tantas e tão grandes as minhas e as vossas preocupações, se não fossem tantos e tão grandes os problemas que nos afligem, era isso mesmo que eu faria: ficar aqui, de férias, entre este caloroso povo, olhando este morno e infundável mar, aguardando que o céu azul me trouxesse, na brancura das velas que regressam das fainas, a tranquilidade de espírito que os homens parece terem definitivamente perdido.

O que não é fácil. Este doce clima, estas praias, estes areais e estes leixões, estes campos planos e estas casas caprichosamente brancas, apelam para um paganismo amolecedor que se reflecte na obra de Teixeira Gomes, grande algarvio, grande poeta e grande democrata, sensibilidade das mais requintadas de toda a literatura portuguesa.

Realiza-se amanhã um plenário de moradores em Tavira

A Comissão de Moradores da 1.ª Zona Norte de Tavira, recebe-mos o seguinte comunicado:

Convidam-se todos os moradores das ruas 5 de Outubro, António Cabreira, Jaques Pessoa, Borda de Água de Aguiar, Joaquim Jara, Poeta Emiliano da Costa, Dr. Augusto da Silva Carvalho, Almirante Cândido dos Reis, Travessa Jaques Pessoa, Travessa do Trem, Travessa Joaquim Jara, Travessa Almirante Cândido dos Reis, Bairro Jara e Largo da Senhora do Livramento, maiores de 18 anos, ou que façam 18 anos até 31 de Dezembro de 1975, a comparecer amanhã às 16 horas na garagem da Rodoviária (Bairro Jara), a fim de: 1.º — se pronunciarem quanto ao pedido de demissão de quatro dos elementos da Comissão de Moradores anteriormente eleita; 2.º — Discussão sobre o número de elementos que devem constituir a Comissão de Moradores; 3.º — Discussão sobre o ingresso de senhoras na Comissão de Moradores; 4.º — Eleição de nova Comissão de Moradores.

NOTA da redacção

DIFICULDADES no sector da Educação põem já em causa o próprio início do ano lectivo. Acreditamos que, em parte, isto seja ainda consequência de quarenta anos de fascismo, de uma excessiva burocratização dos vários departamentos do Ministério e da frágil infra-estrutura que se vem deteriorando de ano para ano com o constante aumento da população escolar.

ONDE A REVOLUÇÃO TARDA A CHEGAR

futuros estudos ou o lançamento na vida profissional, pois o ensino unificado permitirá abrir mais amplas janelas para a realidade que os rodeia. E em igualdade de circunstâncias.

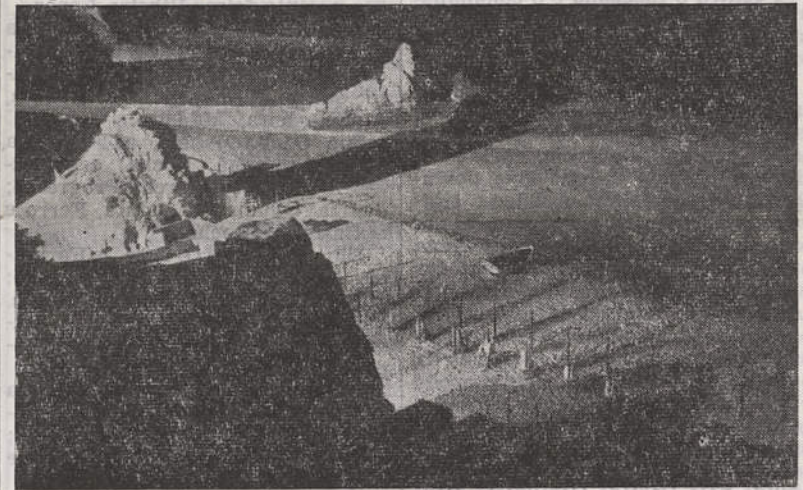
No entanto, sob o ponto de vista prático, o que está a acontecer no ensino, nomeadamente nos graus secundário e universitário, é uma dificuldade de organização dos quadros, que começa por perturbar o início do ano lectivo. As grandes populações escolares, a falta de instalações e a consequente distribuição de horários provocam um cada vez maior atraso, que já se notara o ano passado. Assim continuará, segundo tudo leva a crer, atraso que não será recuperado durante os trabalhos escolares, tanto mais que os programas continuam encostados a velhas estruturas e os compêndios ainda não foram completamente renovados.

O ALGARVE E O ENSINO INTEGRADO

PARA certos leitores convirá formar o que é o ensino integrado, antes de abordarmos o tema de hoje. Enquanto consideramos normal ou regular o ensino ministrado, na generalidade das escolas do nosso País, às crianças e adolescentes de saúde normal, designamos por integrado o ensino em que se faculta a inserção de deficientes nas vulgares escolas onde porém, receberão um apoio específico, compensatório das suas limitações (visuais, auditivas, motoras) e outras.

surdo profundo ou de um cego débil mental.

Se nos lembrarmos das recentes lutas dos deficientes das forças armadas e dos deficientes, por acidentes de trabalho, avaliámos bem a gravidade do problema da segregação, tão cruel para os marginalizados como denunciador da mentalidade desta sociedade que os rejeita e ignora. Há, pois, que chamar todos os que tenham capacidade para ser inseridos neste novo país que desejamos construir.



Atractiva imagem nocturna da Praia da Rocha

Início da descentralização administrativa da Província

VAI ser transferido para o Gabinete do Planeamento da Região, o arquivo do planeamento urbanístico do Algarve, existente na Direcção Geral de Urbanização, em Lisboa.

Obviamente que este apoio exige professores especializados segundo o tipo da deficiência, e é inversamente proporcional o número destes técnicos em relação às crescentes necessidades. Graças a esta linha, encetada há uma dúzia de anos, em Lisboa, com alunos cegos e amblíopes, integrados no Liceu Passos Manuel, tem-se alargado mais e mais os horizontes do ensino especial e vai-se reduzindo aos poucos, o número de deficientes, em escolas onde são segregados e, juntamente, marginalizados pela família, pela comunidade, pela sociedade. Só devem permanecer nesta segregação os casos muito graves que não podem ser integrados na escola vulgar. É o exemplo de um

Integrar um deficiente na escola

(Conclui na 3.ª página)

TEMAS EM DEBATE

E DEPOIS DE FRANCO O QUE ESPERA A ESPANHA?

Morto ou não, Franco abandonou já a vida política, deixando um trágico rasto que culminou com as execuções dos nacionalistas bascos. Hoje, o ditador é já uma sombra no seu leito de moribundo. O mundo aguarda apenas a notícia que não será senão a confirmação do que se espera a todo o momento.

Há outras interrogações, porém, que se mantêm no ar e que só terão uma solução quando efectivamente Franco desaparecer do número dos vivos. Não se trata apenas do problema da sucessão — que esse parece estar definido legalmente mas da aceitação por parte das forças vivas espanholas dessa situação. Ainda em vida de Franco, o príncipe Juan Carlos assumiu a chefia do Estado, o que, embora admitido pela Lei Orgânica, foi imediatamente contestado por várias organizações políticas incluindo alguns monárquicos. A própria sucessão é posta em xeque e resta perguntar se a Espanha vai aceitar um rei que lhe é imposto pelo velho ditador sem qualquer consulta popular.

Há quem pense que a transição se fará automaticamente, sem revoltas nem graves protestos, porque as Forças Armadas aceitarão a situação e porque se espera uma certa liberalização com o acesso de Juan Carlos ao poder, nomeadamente a legalização de alguns partidos. Mas algumas forças apoiam o príncipe, não só todas aquelas que mantiveram o regime franquista durante dezenas de anos, mas também as que acreditam numa evolução, embora lenta, para a democratização. Neste momento, há uma outra força que se mantém vigilante e que tem toda a conveniência em que a mudança de nome em Espanha não se traduza em mudança política. Trata-se da América, que deseja encerrar a renegociação do tratado sobre as bases militares e que confia em Juan Carlos como o melhor aliado para o conseguir.

Pesará na balança a posição dos Estados Unidos, como pesou o seu silêncio nas recentes execuções dos nacionalistas bascos e que definiu perfeitamente onde se enquadrava o governo dos Estados Unidos no contexto político internacional. Mas acima de tudo permanece como uma verdadeira incógnita qual será a reacção do povo espanhol, se verificar que a mudança do franquismo para o carlismo não lhe trará quaisquer benefícios nem acalentará as suas mais caras esperanças. Estará ainda longe a sua Revolução? — B. M.

EM anos anteriores, quando visitámos o Algarve na época de Verão, pairava nesta Província uma atmosfera bem diferente daquela que agora encontramos. Mas estamos certos de que a situação actual do turismo algarvio é transitória e uma nova fase surgirá num futuro muito próximo.

Analisar as causas desta situação, parece-nos desnecessário, pois elas são bem conhecidas. Mas é com vista ao futuro que nos propomos fazer uma ligeira incursão, ainda que o futuro do turismo, como a experiência do passado nos ensina, esteja sujeito a factores de natureza vária, tanto nacionais como internacionais.

Quando na década de 60 contribuímos para este jornal com vários apontamentos e estudos sobre turismo, mantivemos sempre a opinião de que o desenvolvimento do turismo de luxo era um erro crasso, pois uma análise da situação

política em Portugal, e económica no mundo ocidental, forçava-nos a concluir que tal política iria deparar com graves problemas futuros. Mas aos homens que tinham nas mãos as rédeas da alta finança e que viam no Algarve a galinha dos ovos de ouro do turismo nacional, só o turismo de luxo poderia interessar, pois era esse que garantiria os milhões que tal grupo estava habituado a manipular com plena

liberdade de acção. Nestas condições, quais as directrizes a seguir?

TURISMO MÉDIO

Ainda que o turismo algarvio esteja dependente de factores de natureza vária, e partindo do princípio de que o turismo de luxo é

(Conclui na 4.ª página)

por M. Santos Traquino

Apoio à pequena e média lavoura

A COMISSÃO liquidatória do ex-Gremio da Lavoura dos Concelhos de Faro e São Brás de Alportel, na sequência da acção desenvolvida de apoio aos pequenos e médios agricultores com o fornecimento, a preços excepcionais, de adubos, sementes e forragens, informa que tem pulverizadores com motor, a preços de revenda, os quais devem ser requisitados até 15 de Novembro.

Entretanto, começa a ser recebida no lagar da Cooperativa dos Olivicultores da Bordeira a azeitona dos associados.

capital algarvio no passado dia 26 e madrugada de 27 do corrente mês, e melhor os compreender e julgar, para além do simples empirismo dos factos, é de fazer o relato das ocorrências, por ordem cronológica.

2. — Pelas 11 horas e 15 minutos de 26, domingo, o governador civil de Faro recebeu em sua casa, um

(Conclui na 3.ª página)

capital algarvio no passado dia 26 e madrugada de 27 do corrente mês, e melhor os compreender e julgar, para além do simples empirismo dos factos, é de fazer o relato das ocorrências, por ordem cronológica.

2. — Pelas 11 horas e 15 minutos de 26, domingo, o governador civil de Faro recebeu em sua casa, um

(Conclui na 3.ª página)

COMUNICADO DO DR. JÚLIO CARRAPATO AO POVO DE FARO

COM pedido de publicação recebemos do dr. Júlio Carrapato, o novo governador civil do Distrito cuja nomeação tem suscitado controvérsia, um comunicado dirigido «Ao Povo de Faro», que abastou transcrevemos.

Observamos, no entanto, que o protocolo pedido de publicação era bem supérfluo, já que a versão dos acontecimentos dada pelo dr. Júlio Carrapato se nos afigura digna de registo. Em particular sobre o desfecho de credenciais anti-fascistas, lembramos que será na prática do seu alto cargo que o novo chefe do Distrito demonstrará aos algarvios se está ou não com o avanço do poder popular, se defende ou não o caminho para o socialismo, e a que prazo:

1. — Para bem se medir a extensão dos graves acontecimentos na

Exposição de pintura em Faro

NO Círculo Cultural do Algarve, Rua Conselheiro Bivar, em Faro, encontra-se patente uma exposição de pintura do artista Adão Contreiras, a qual pode ser visitada diariamente, das 20 às 24 horas.

Pesquisas oceanográficas no litoral algarvio

ESTEVE recentemente no Algarve, o eng. Jean Plauchu, chefe do Gabinete de Estudos de Hidrobiologia e Oceanografia Costeira de Genebra (Suíça).

Este gabinete, que tem efectuado estudos de saneamento do litoral e trabalhos de oceanografia costeira aplicada na zona mediterrânica, vai fazer pesquisas oceanográficas a cargo do governo francês, em virtude de estarmos na zona de influência do Mediterrâneo.

No decurso da visita, o eng. Plauchu teve uma reunião com técnicos do Gabinete do Planeamento da Região, durante a qual foram pedidos esclarecimentos sobre as soluções encontradas para casos semelhantes aos nossos: modificações no cordão de dunas do litoral, construção de portos, poluições costeiras, etc.

Depois de animada discussão chegou-se à conclusão de que estes problemas são complexos, mas passíveis de solução quando estudados a fundo e com a ajuda que a moderna tecnologia oferece.

O Gabinete do Planeamento propôs colaborar cedendo elementos meteorológicos e outros para apoio nos trabalhos que irão ser realizados na nossa costa, no espírito de uma colaboração e permuta de elementos de estudo entre o Gabinete e todos os organismos nacionais ou internacionais que estudam o litoral algarvio.

Estas pesquisas são de grande interesse para a nossa Província, pois os resultados irão reflectir-se no desenvolvimento da pesca e do turismo do Algarve.

À saúde é a maior riqueza

Vacine os seus filhos

Aos três meses de idade vacine o seu filho contra a difteria, tétano e tosse convulsa, numa só injeção, a Vacina Triplice. Nessa mesma altura, com três gotas de vacina antipoliomiéltica na língua, vacine-o também contra a paralisia infantil.

A paralisia infantil não tem cura depois de declarada. A vacina protege as crianças desta terrível doença.

O Primeiro-Ministro Pinheiro de Azevedo foi calorosamente recebido em Faro

(Conclusão da 1.ª página)

«É esta, sem dúvida, também, uma característica deste povo da beira-mar: o seu espírito irrequeito e aventureiro que o levou, para ganhar a vida, a espalhar-se pelas sete partidas do Mundo.

«Mas chega de poesia. Não porque a poesia não seja precisa (a poesia e as revoluções andaram sempre de mãos dadas) mas porque vim aqui para tratar de problemas concretos. Problemas concretos da região do Algarve.

«Uma das grandes preocupações da Revolução portuguesa e dos Governos que dela saíram tem sido o problema da descentralização regional. Desenvolver este País passa, entre muitas outras coisas para a resolução dos problemas de cada região, de cada vila, de cada aldeia. Cada região, cada lugarejo tem os seus problemas próprios que não podem ser rigidamente resolvidos a régua e esquadro no Terreiro do Paço.

«Muito cedo pois, a seguir ao 25 de Abril de 1974, se compreendeu que a velha divisão em distritos não seria a melhor maneira de atacar e resolver a infinidade de problemas locais e regionais. Existe, como sabem, um programa esboçado de divisão mais real do País em 5 regiões: uma região Norte, uma região Centro, uma região de Lisboa, uma região Sul e uma região Algarve.

«Não perdendo a articulação aos órgãos da administração central, importa, no entanto, para a definição de uma política de desenvolvimento, criar estruturas que, articulando os órgãos administrativos centrais e locais, garantam uma mais rápida actuação dirigida à resolução dos problemas mais graves do desenvolvimento regional.

«Foi neste contexto e compreendendo que a região do Algarve, bem demarcada de todas as outras e apresentando problemas específicos de extrema gravidade e de extrema urgência, requeria uma actuação imediata, que o Decreto-Lei n.º 278/75, de 5 de Julho, criou o «Gabinete do Planeamento da Região do Algarve», inicialmente orientado para a resolução de problemas urbanísticos e de ambiente, mas cuja competência, se pretende estender, com flexibilidade, progressivamente, a outros domínios.

«Como sabem, esse gabinete funciona na dependência directa do Primeiro-Ministro, isto é, compete ao Primeiro-Ministro, através do director do Gabinete, autorizar e orientar, acompanhando-os, os planos dos vários departamentos.

«Foi para tomar contacto com os planos existentes, com as realizações já em curso e com os projectos de futuras realizações que hoje me deslocou ao Algarve onde acabo de ter uma reunião de trabalho com o director do Gabinete, arq. Rui Mendes Paula, e com os seus colaboradores.

«Nessa reunião foi analisado o processo de inserção do Gabinete no contexto regional, apresentando o projecto da futura orgânica do mesmo Gabinete e referidos os seus métodos de actuação.

«Tomei ainda conhecimento dos quatro planos de obras a executar com a maior urgência, alguns já iniciados: o plano de obras participadas pelos Municípios; o plano de emergência (esgotos, águas, estradas) que procura absorver parte da mão-de-obra disponível; o plano de obras próprias do Gabinete (que engloba o programa de obras da Direcção-Geral de Turismo); o plano de obras dispersas e diversas (como a profilaxia da cólera e sua eliminação, o enterramento sanitário dos lixos, etc.).

«Foi ouvido também o secretário de Estado do Ambiente, que tratou das zonas a seu cargo, onde é necessário conservar e proteger a natureza: a ria de Faro, o reflorestamento da serra de Monchique, o socal de Castro Marim, as ilhas de Tavira e Armona, a reserva da Ponta de Sagres.

«Existe, ainda e foi discutido, o plano de desenvolvimento turístico, tão importante para esta região.

«Assim, podemos considerar o Gabinete do Planeamento da Região do Algarve como experiência-piloto para a criação imediata de outros gabinetes regionais, que permitam uma expansão mais harmoniosa do País.

«São estas as perspectivas de futuro. Mas nada se poderá desenvolver, nem sequer realizar, se não existir um poder central estável, uma autoridade forte e reconhecida e livremente por todos aceite.

«Neste sentido, todo o possível desenvolvimento, através dos sacrifícios e do trabalho de todos passa pelo entendimento político. O Povo Português e o MFA escolheram para a Revolução Portuguesa, como meta final, o socialismo. Pode haver, acerca dos caminhos para atingir esse socialismo, opiniões divergentes. Não pode, no entanto, haver opiniões divergentes quanto ao objectivo final: esse objectivo chama-se socialismo, que quer dizer isto: apropriação dos meios de produção pelas classes trabalhadoras, fim da exploração do homem pelo homem, construção de uma

sociedade sem classes. É isto que ficou definido no Programa de Acção Política.

«E assim, como não se pode construir uma parede sem tijolos, é evidente que não se pode construir o socialismo sem verdadeiros socialistas.»

«Ser socialista, em Portugal, em 1975, é lutar por uma verdadeira Independência Nacional, é conviver e comerciar, sem pressões de qualquer ordem, com todos os povos do Mundo; é levar até ao fim a libertação dos povos das antigas colónias, é preparar, no plano interno, um futuro digno para os nossos filhos, é levar até ao fim as nacionalizações e a Reforma Agrária, criar melhores condições de vida para o nosso Povo, tornar a vida digna e livre, fortificar a aliança entre o Povo e as Forças Armadas, acabar com todas as espécies de exploração, desenvolver a consciência cívica e levar a educação a todas as camadas populacionais.

«Tarefa gigantesca, sem dúvida, Tarefa que não será possível sem uma frente unida das forças progressistas deste País.

«Por isso, apelo mais uma vez, aqui, no Algarve, tal como fiz no Norte, para que, abandonando as dissensões partidárias, todas as forças de esquerda, verdadeiramente interessadas na construção do Socialismo, se agrupem num exército de paz e de trabalho, única maneira de redimir Portugal. De mãos dadas, unidas, e sem trações, aqui, nesta região algarvia de sol limpo e de espuma salgada em que a tração não será possível, pois, como dizia Miguel Torga, «as figueiras são pequeninas e anãs, tão pequeninas e anãs que nelas nenhum Judas se pode enforcar de remotos... Viva Portugal!»

Actividades do Grupo de Teatro Lethes

No salão do Inatel, em Setúbal e no âmbito do Ciclo de Teatro Amador promovido por aquele organismo, actuou o Grupo de Teatro Lethes, de Faro, com as peças de António Aleixo «Auto da Vida e da Morte», «Auto do Curandeiro» e «Auto do T'Jaquim».

O mesmo estreará em 15 deste mês no Teatro Garcia de Resende, em Évora e no âmbito do quinto festival organizado pela Sociedade de Instrução e Recreio Joaquim António Aguiar, daquela cidade, a peça «O percevejo», de Maikowski.

Realiza-se amanhã um plenário de moradores em Tavira

(Conclusão da 1.ª página)

res, ou eleição dos membros para substituir os demissionários e eleição de novos membros.

Avisam-se todos os interessados de que a sede da Comissão de Moradores mudou para a Rua Almirante Cândido dos Reis, 182, Tavira, onde são prestados esclarecimentos às segundas, quartas e sextas-feiras, entre as 21 e as 23 horas.

Vende-se

Traineira «Praia dos Três Irmãos» com rapa ou sem rapa e Enviada «Rio Marim», sem motor. Trata Reinaldo Grade Rosa, Rua D. Carlos I (frente ao estaleiro) — Portimão — Telefone 24621.

Exercício de fogos reais na região da Quinta da Torre de Ares

O Centro de Instrução de Sargentos Milicianos de Infantaria de Faro (Destacamento de Tavira), executa das 8 às 18,30 horas de 18 e 19 deste mês, um exercício de fogos reais com armas pesadas de infantaria, na área marítima-costeira da Quinta da Torre de Ares, tendo os seguintes limites a região interdita das 7,30 às 19 horas dos referidos dias: a leste, por uma linha que une o casarão de Torre de Ares ao marco trigonométrico do Barril-0; a sul, por toda a zona da ilha compreendida entre o marco trigonométrico do Barril-0 ao posto da Guarda Fiscal do Homem Nu; a oeste, por uma linha que une o posto da Guarda Fiscal do Homem Nu, posto da Guarda Fiscal de Torre de Ares e Ribeira da Luz; e a norte, por um caminho que corre quase paralelo à costa, desde a Ribeira da Luz até ao portão de entrada para a Quinta da Torre de Ares.

Qualquer engenho que eventualmente venha a ser encontrado na referida zona, após a execução dos fogos, não deve ser tocado mas sim sinalizado, comunicando-se o seu achado para aquele Centro, o mais rapidamente possível, a fim de, com meios convenientes, se proceder à sua destruição.

Traineira «Abeluz»

Excelentes condições de pesca do alto, 23 metros, motor Deutz 290HP, cavername em carvalho, construída há 10 anos, estado impecável, vende-se sem redes.

Respostas a Abel Figueiredo Luíz, Suc., S. A. R. L. — LAGOS.

SULROL

ROLAMENTOS E ACESSÓRIOS DO SUL, LDA.

FARO — Estrada de S. Luís, 5 — Telefone 24759

Em Vila Real de Santo António

Ramiro da Cruz Gonçalves
Avenida da República

SUGESTÃO para a Praia da Rocha

(Conclusão da 1.ª página)

agora letra morta, parece-nos que o futuro nos irá encaminhar para um turismo médio, pois o chamado turismo barato, que em certas zonas de Espanha foi desenvolvido em grande escala, cremos não ser o mais indicado para o Algarve, já que começam a surgir no panorama do turismo mundial, certas reservas e dúvidas no que se refere ao futuro do turismo em massa.

A Espanha, que nestes últimos 20 anos tem dependido do turismo como a mais importante fonte de receita para a sua balança de pagamentos, vê-se hoje a contos com inúmeras zonas de turismo nas quais as unidades hoteleiras e outras edificações de carácter turístico, tornaram certas zonas próximas do mar em verdadeiras selvas

de cimento armado. Ora, admitindo a hipótese de que determinados factores de âmbito político ou económico venham a pôr em perigo toda a indústria turística em Espanha, teríamos que certas zonas à beira-mar se tornariam cidades-fantasma.

RESPEITO PELA PAISAGEM

Um dos sacrilégios que estava a alastrar no Algarve é o que se refere ao desprezo pelas belezas naturais da nossa tão bela linha de costa, com unidades hoteleiras e outros empreendimentos construídos a poucos metros do mar ou em lugares onde um pouco sério e independente jamais o teria permitido, assim roubando a vista para o mar ou conspurcando a paisagem.

Quando referimos, como aliás o temos feito nestas colunas nestes últimos doze anos, o respeito que a beleza natural deve merecer, não nos movem saudosismos ou o amor das coisas do passado, pois não temos ilusões neste aspecto. Se o temos feito durante todos estes anos é porque sempre tivemos a plena convicção de que, quaisquer que sejam as directrizes do turismo nesta Província, o seu futuro, e o seu desenvolvimento, só poderão assentar no respeito pela paisagem. E sem desprimor para o Algarve sotaventino, que a presente transcrição não engloba, não foi em vão que M. Teixeira Gomes, com a sua finura de observador, assim se referiu à costa barlaventina: «Eu julgo que a realização perfeita da paisagem marítima grega, tal como os poetas da antiguidade a conceberam, está no troço da costa do Algarve entre a Ponta do Altar e a Ponta da Piedade, isto é, desde a barra de Portimão até ao fecho da baía de Lagos».

INICIATIVA JUSTIFICADA

Não é nossa intenção apontar aqui, o que seria impossível, tudo aquilo que observámos e chamou a nossa atenção durante a nossa recente estadia em terras algarvias, mas há uma determinada zona do barlavento algarvio, ou seja a Praia da Rocha, na qual o desenvolvimento, ou não desenvolvimento, se processou da maneira mais negativa, apesar de ter sido a Rocha, assim se pode dizer, um dos berços do turismo algarvio.

Assim, se existem zonas do Algarve que desfrutam de uma situação privilegiada, uma delas é todo o percurso que, frente ao mar, nos conduz à Fortaleza. Mas ao fazermos uma rápida incursão, o que verificamos é o seguinte: um hotel construído em lugar errado e que nos aponta as manipulações e interesses oportunistas do passado, um casino fantasma e uma fortaleza... para recordar um passado distante.

Quanto ao hotel e casino que foi, por agora vamos ignorá-los; quanto à Fortaleza, é aqui, a nosso ver, que deveriam começar os planos para o futuro.

Com efeito, tomando em linha de conta que a Praia da Rocha é uma das mais belas e atraentes da Europa, é na Fortaleza que os planos para a nova fase deveriam começar, pois, usufruindo de situações maravilhosas e área bastante para um desenvolvimento inteligente, e que se coaduna com a excepcional localização, era ali que deveria surgir uma iniciativa que achamos justificada, ou seja um conjunto de café, restaurante, sala de exposições, discoteca, salão de jogos, etc.

Claro que uma iniciativa desta natureza não iria curar todos os males de que enferma o turismo algarvio ou da Rocha, mas, ao realizá-la, dar-se-ia um passo valioso e em direcção que nos parece acertada, no turismo da Praia da Rocha.

Aqui fica, pois, o nosso alvitre para o futuro de um dos mais belos e importantes pontos do barlavento algarvio: zona da Fortaleza de Santa Catarina.

M. Santos Traquino

Utilidade às quatro rodas!



Renault 4

Tome descontraidamente, o seu lugar de condutor: Confortável, não é verdade?

— O desenho dos assentos foi estudado por fisiologistas.

Faça a ligação e arranque: Que tal? Maleável, com genica, tal como você gosta — Motor de 852 cm, velocidade: 110 Km/h.

Siga para a estrada: Vá reparando nas qualidades de estradista do Renault 4.

Que nervel E que segurança? — Tracção à frente. Travões com repartidor de pressão.

Entre em terrenos difíceis: O Renault 4 ri-se dos maus caminhos — Suspensão por barras de torsão, de grande elasticidade e resistência.

Abra a 5a. porta: Repare na quantidade de volumes que pode transportar!... 296 dm³ a 1185 dm³, por rebatimento do banco traseiro.

Ao fim de uns milhares de quilómetros faça contas: Sem lubrificação. Mudança de óleo cada 5.000 Km. Pouco consumo. Uma verdadeira economia.



Livre-se de preocupações com o automóvel.

UTIC-FILIAL

Rua General Teófilo da Trindade

FARO



Dr. C. Pereira Rios

Médico Especialista

Cirurgia Geral

Consultas diárias excepto aos sábados a partir das 18 horas.

Consultório na Rua de Sto. António, 50-1.º Esq., Faro. Telefone 22100.

Mais um «golpe» nos serviços administrativos do JORNAL DO ALGARVE

Como certamente terão notado os nossos assinantes e leitores, há já duas semanas que o nosso jornal é expedido tendo a envolver-lo uma cinta de papel.

A inovação, fruto de uma exigência dos C. T. T. fundamentada em acordo internacional, vem criar à nossa Administração mais um grave problema, não só pela dificuldade do seu cumprimento como pelo elevado encargo que representa.

Trata-se de mais uma pesada sobrecarga para as já débéis possibilidades económicas do jornal, para cuja solvência a nossa Administração terá de rever o preço das assinaturas, ponto sobre o qual nos pronunciaremos em tempo oportuno.

Analisando esta nova determinação dos C. T. T. (que alguns jornais ainda ignoram, pois continuamos a recebê-los sem cinta), concluímos que ela resulta em mais um golpe para a desprotegida Imprensa Regional que em cada dia luta com maiores dificuldades para se manter e sobretudo para se manter independente.

Outro reparo que nos merecem os serviços de algumas estações dos C. T. T., é o de semanalmente distribuírem aos nossos assinantes os jornais que expedimos, devolvendo-nos porém os correspondentes recibos, quando os emitimos para cobrança, aponto-lhes a indicação de «Destinatário desconhecido». Ocorre-nos perguntar: se os jornais levam endereços iguais aos dos recibos e estes não são devolvidos por desconhecimento dos destinatários, a quem são entregues os jornais que para os mesmos destinatários enviamos todas as semanas?

Assembleias municipais no Algarve: resultados superiores à expectativa

COMO tinha sido noticiado, realizaram-se no Algarve, assembleias municipais promovidas pelo Gabinete do Planeamento da Região, as quais tiveram como objectivo a elaboração do esboço do plano de obras/76.

As populações, representadas por membros das Comissões de Moradores e Juntas de Freguesia, aderiram com grande interesse à iniciativa, participando activamente nos debates, discutindo os seus problemas e expondo os principais anseios.

Os delegados do Gabinete tomaram, assim, contacto directo com as aspirações mais prementes da população e, além disso, deram a conhecer a sua política de acção, métodos de actuação e a forma como se poderá estruturar a concretização dos vários processos.

Algumas das propostas apresentadas pelas populações não poderão ser, de imediato, postas em prática, tanto pela falta de projectos, como pela falta de verbas. No entanto, o Gabinete do Planeamento está a elaborar um inventário dessas propostas para, de acordo com as verbas disponíveis e as que vierem a ser atribuídas, estabelecer, em colaboração com as Câmaras Municipais, um plano de prioridades das obras a executar em 1976.

Podé pois concluir-se que esta primeira experiência no País, de discussão dos problemas locais com as populações, teve resultados positivos e que deverão servir de exemplo a novas iniciativas semelhantes.

Um infantário popular em Olhão

TEM o nome de Alexandrino de Sousa, o militante do M. R. P. P. recentemente falecido em Lisboa, o Infantário Popular inaugurado na Rua do Comércio, em Olhão e destinado aos filhos das classes trabalhadoras daquela vila. A inauguração deu azo a uma festa popular que compreendeu regatas de vela na ria Formosa e uma tarde cultural no Largo da Igreja, com a actuação do Coro «Bandeira Vermelha» e do Grupo de Teatro do Centro de Cultura Popular Martins Soares, de Olhão.

BRISAS do GUADIANA

QUANDO COMEÇAM A FUNCIONAR AS NOVAS DEPENDÊNCIAS DA EMPRESA RODOVIÁRIA EM VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO?

A TRANSIÇÃO, inevitável, dos meses de Verão para os de Outono, aliviou mas não fez desaparecer as preocupações dos moradores de uma zona de Vila Real de Santo António. Trata-se das pessoas que residem perto das instalações de apoio da Empresa Rodoviária de Sotaventos do Algarve, situadas nas ruas de Oliveira Martins e do Infante D. Henrique e ainda na do Dr. Manuel de Arriaga.

No Verão, com as excursões, geralmente nos fins de semana, e a necessidade de desdobrar as carreiras de autocarros, recrudescem a actividade naquelas instalações, cuja insuficiência se torna então manifesta. O pessoal dos autocarros, com a pressa, nem entra com os veículos na garagem para receber o gásóleo, metendo-o em plena rua. Como os motores estão, em muitos casos, um tanto gastos, não os desligam quando recebem o combustível ou aguardam a sua vez para o receberem, pois custaria mais a conseguir ligá-los de novo. Deste modo, as pesadas viaturas permanecem ali por largos períodos, trabalhando e queimando (por vezes mal) o óleo que as alimenta, enquanto a gente das redondezas maldis a sua sorte, não só pelo ruído como pela poluição que, naturalmente, não se fica pela via pública.

Embora todo o pessoal da empresa seja normalmente cuidadoso, há sempre um ou outro pequeno derrame de combustível na rua, que assim fica suja e escorregadia. Tornam-se por isso frequentes as derrapagens e os trambolhões de motoretistas que por lá circulam, e as quedas de passantes, alguns dos quais levam ainda para as suas casas, nas solas do calçado, os resíduos da oleosa sujidade.

No Verão, como no Inverno, há moradores nas proximidades, cujas ocupações os obrigam a erguer-se muito cedo. Porém, o movimento nas instalações da Rodoviária quando se pensa em excursões, não se compadece com eles. Tem de se abrir e fechar as grandes portas metálicas, para dar saída aos veículos e seu pessoal; tem de se meter gásóleo às 5, para estar tudo pronto às 6; e há o barulho do regresso, à uma ou às duas da manhã, tudo normal para os homens que trabalham com os autocarros, mas confundindo os nervos dos que precisam de algum repouso para poderem dar conta do seu «recado» nas horas seguintes.

Outros factores se notam que contribuem para fazer mais negra a vida de quem reside ali próximo: é o barulho envolvido na montagem e desmontagem dos pneus, especialmente quando feita à noite; é a grande toxicidade dos produtos usados na limpeza dos motores, da qual o pessoal que os utiliza pode defender-se com máscaras próprias e abrindo bem as grandes portas, mas que os residentes sentem ao vivo, «na pele», pois todos, pelo olfacto, sabem (e tremem), quando os motores estão a ser limpos.

Tudo isto acontece mais no Verão, mas não deixa de acontecer no Outono e no Inverno, pois a empresa tem numerosas carreiras a atender, com partida ou chegada em Vila Real de Santo António.

Para maior azar e dor de cabeça dos moradores, sucede agora, segundo nos dizem, haver sido retirado o guarda que de noite zelava pelas instalações. No interior destas ficam normalmente vários autocarros (sete ou oito), com os motores ainda murchos das tarefas do dia e existe um depósito que comporta uns milhares de litros de gásóleo. Pensam os moradores (e longe vá o aouro!), que sem ninguém que olhe de noite por tudo aquilo, a simples faísca gerada por um curto-circuito em qualquer sector ligado à electricidade, pode provocar combustão que faria ir pelos ares os autocarros, o armazém onde ficam e as habitações vizinhas, com os respectivos ocupantes.

Lembra-nos de há poucos anos apontarmos nestas colunas alguns dos inconvenientes e perigos oferecidos pelos serviços da Rodoviária no local onde se encontram, e as dificuldades que então, como hoje, sentiam os motoristas para de lá retirarem, ou fazerem entrar, os avantajados autocarros. Embora, como frisámos, não tivéssemos qualquer espécie de interesse no «negócio», até nos permitimos, nessa altura, lembrar que tais serviços podiam ser transferidos para a zona industrial da vila, onde ti-

nam ao dispor uma área de manobra apreciável e atenderiam bastante melhor o público pagante.

Hoje, que na referida zona industrial vemos, desde há longos meses, com feição de estar concluído, um imóvel que se nos afigura magnífico e nos dizem destiná-lo à Rodoviária (decerto não o fizeram pela nossa sugestão!), perguntamo-nos e perguntamos: porque não se acaba de vez com o sofrimento dos moradores nas proximidades das actuais instalações? Porque não são transferidos para as novas dependências os serviços em causa? Porque não se procura facilitar um pouco mais o trabalho do pessoal da empresa?

J. M. P.

À BEIRA DO GUADIANA...

COMO aconteceu na Manta Rota, estará a acontecer noutras localidades onde o movimento se multiplica em vezes ou mais durante a época de turismo. Pois na Manta Rota, aos domingos e feriados... não há transportes públicos! Ficamos com a impressão de que o velho costume de servir primeiro o turismo, e depois, o Zé Povinho, não acabou. Quem quiser ou tiver mesmo de ir a Faro ou Vila Real de Santo António por exemplo, num domingo ou feriado, terá de ir a pé até Cacela. É compreensível e economicamente justificável que, devido ao número relativamente reduzido de gente que em tais dias habitualmente se desloca para fora da aldeia, haja também uma redução do número de carreiras de camionetas. Mas uma ausência total destas é que não me parece merecedora de aprovação. Sugerimos à Rodoviária que se debruce sobre o assunto, a ver se haverá possibilidade de se estabelecer ligação entre Vila Real de Santo António e a Manta Rota, aos domingos e feriados, pelo menos duas vezes por dia. Uma camioneta poderia talvez sair da Manta Rota às 10 da manhã e de Vila Real de Santo António às 19 ou 19.30, a título experimental. E haverá, repito, outras localidades como esta, onde, por não haver turismo, o povo se veja obrigado a recorrer a carroças e a burros: como único meio de transporte...

A propósito do comentário acerca do concurso promovido pela comissão de arranque da pesca desportiva do Clube Náutico do Guadiana, recebi um postal de um leitor, que me diz: «Já consultei três osuquiastas, gastando uma pequena fortuna em medicamentos, drogas de várias espécies. Tudo em vão. Agora vou experimentar a receita desse médico meu amigo de Lourenço Marques. Comprei uma cana de pesca, um «chapéu à Zélica», um cesto. Vou passar os fins-de-semana a pescar. Tenho a impressão de que esta terapia vai dar resultado!» Deus ouíra que sim! E no fim: «P. S.: Uma consulta custava-me uma média de 400 escudos. Por esta, foi o preço de um Jornal do Algarve».

Há quem goste de queijo e há quem o deteste. A uns faz bem, a outros chega a causar indigestões violentas. A solução seria descobrir o segredo para fazer um queijo de que todos gostassem e a ninguém fizesse mal. Um leitor nosso, pelos vistos assíduo, não gosta destas minhas crónicas, que considera uma série de contradições e histerismos moralistas, etc. G. S. é da opinião que eu devia limitar-me a escrever «historiazinhas de passarinhos e passeiozinhos», e mesmo estas ele considera «nefastas». E não é só ele que assim pensa, pois afirma que a maioria dos leitores dispensaria muito bem as minhas opiniões, etc. Deve ter feito uma análise das opiniões dos outros leitores, talvez perguntando de porta em porta, ou em conversas de café. Ai, mãe! Grande tarefa me deu G. S.! Até parece ter ficado desiludido pelo facto de eu não ter até hoje, caído no Guadiana, afogando-me nas suas águas. Mas não me fez mal, pelo contrário, até me fez bem. Pois até tem graça. Farte-me de rir. Não, não me ri de G. S. Mas achei piada, que quem que eu faça! E, diga-se de passagem, o moço tem estilo, sim senhores, escreve muito bem. Não posso, por falta de espaço, dar aqui uma resposta a tudo o que G. S. me diz. O que escrevi, enfim, está escrito. Compete ao jornal publicar ou não publicar, riscar uma

Reuniram em Lagos os comandos dos Bombeiros algarvios

REALIZOU-SE em Lagos uma reunião de trabalho dos comandos dos Corpos de Bombeiros do Algarve. Estiveram presentes além dos comandantes de todos os Corpos de Bombeiros da Província, o inspector de Incêndios da Zona Sul, tenente-coronel Bastos Carreira, dois representantes da Liga dos Bombeiros Portugueses, um representante do Serviço Nacional de Ambulâncias e um representante da Federação dos Bombeiros do Distrito de Leiria, o comandante dos Bombeiros Voluntários de Peniche.

Entre outros assuntos de interesse, foi estudada a criação da Federação dos Bombeiros do Algarve e seu comando operacional, a montagem de um retransmissor de telecomunicações no Algarve, para serviço de todos os Corpos de Bombeiros, uma exposição sobre a reestruturação do Serviço Nacional de Ambulâncias «115» e propostas para o seu melhor funcionamento.

Foram eleitos delegados dos Bombeiros do Algarve junto da Liga dos Bombeiros Portugueses, os srs. José Filipe Ribeiro, comandante dos Municipais de Tavira e Sérgio Marques Baptista, ajudante do comando e vice-presidente da direcção dos Bombeiros Voluntários de Vila Real de Santo António.



Desde há algum tempo, pode-se andar de trenó, com uma calha de aço, em Wasserkuppe, que com 950 metros é a maior elevação do Rhön, no leste da República Federal da Alemanha. O proprietário de um funicular de esquis, que se aborreceia pelo facto de o Inverno na Europa ser tão curto e muitas vezes tão pobre em neve, imaginou um pequeno trenó equipado com rodinhas e fez construir, por cerca de 200 000 marcos, uma pista de aço. Agora, qualquer pessoa com um pouco de espírito desportivo e de coragem, pode descer esse trecho de 600 metros de comprimento (na foto) à velocidade «maluca» de 40 quilómetros horários.

Cantinho de S. Brás...

Paz à alma de um grande médico

MORREU o dr. Evaristo. A notícia, brutal, mergulhou os são-brasenses em pranto. Diplomado pela Universidade de Coimbra, logo se lançou à vida, atraído-o a «vila morena», com simpatia. Rapidamente se impuseram as suas extraordinárias faculdades de médico e de filantropo.

Há algo de comum entre o dr. Evaristo de Sousa Gago e o saudoso dr. Passos Pinto, quanto ao exercício do seu sacerdotio. Ambos granjearam mística simpatia popular, sobretudo nos bairros da lata. Depois de observarem os doentes nos casebres miseráveis, ambos desveladamente, lhes dedicavam palavras de fé e de esperança. Honorários? Um «Deus lhe pague» envolto em lágrimas de reconhecida humildade, enquanto, junto da receita para aviar na botica, ficava dinheiro que sobejava para os primeiros dias de convalescência. E pediam aos familiares segredo destas nobilíssimas acções.

A morte do dr. Evaristo, constituiu uma perda irreparável para o povo. Perseguido fanaticamente em consequência dos seus ideais de liberdade e fraternidade, a política actuava sem dó nem piedade, tentando inúmeras vezes prendê-lo, nomeadamente, quando pressentia indícios de agitação popular. Os esbirros da Pide encenavam ambientes de terror, procurando legitimar arbitrariedades, sem mandatos legais. «Engaiolavam» os infelizes na «viúva», nome sinistro do veículo que transportava os inocentes para as masmor-

ras. Valia-lhe, na emergência, a unidade do povo de Grândola que exercia apertada vigilância no sentido de salvar o seu médico dedicado. Mais de uma vez esteve iminente a sua captura, mas, firmes, e inabaláveis, formavam-se cordões humanos, deitava-se gente no solo e praticava-se actos desesperados para evitar a consumação de injustiças.

O dr. Evaristo não pactuava em propagandas subversivas, nem militava activamente em partidos extremistas. Era, sim, a cegueira das mediocridades, ódios vespigos e cérebros dementados pelo ciúme, que não perdoava a sua dedicação pelos infelizes. Noite e dia, no hospital ou no consultório particular, havia bichas de doentes, pobres, ricos e remediados, na demanda do ilustre clínico.

O dr. Evaristo revelou uma luminosa faceta de humanismo. Assistia, emocionado, nos ambientes de pobreza extrema, onde as camas não tinham lençóis, nem mantas, numa promiscuidade imprópria do nosso tempo, de seres humanos famintos e revoltados. O seu coração bondoso comentava tais iniquidades sociais, e era isto que a famigerada Pide não perdoava. Sacrificou a saúde fumando demasiada e sem alimentação à altura, junto da enxerga dos pacientes, aguardando resignadamente reacções ao diagnóstico. Só então se retirava, tranquilo e sorridente. Sabia que salvara mais uma vida. Serão certamente homens desta estirpe moral que um dia o povo canonizará.

A sua obra terá sucessor? Talvez o 25 de Abril não careça deste género de humanistas, porque a nova sociedade se irá edificar tendo por cenário nova filosofia social. Seria magnífico.

O funeral constituiu imponente homenagem do povo de Grândola, S. Brás de Alportel e povoações limítrofes. Cenas patéticas, choros convulsivos, corações despedaçados pela dor, exibiam o seu pranto. Rostos lívidos de mulheres do povo depuseram montanhas de flores e o seu último adeus. Homens e crianças, soluçavam num sofrimento irreprimível. Houve desmaios, gritos desesperados, intenso dramatismo, quando desceu à morada da eternidade. Ficou na «vila morena» junto do povo que o idolatrava e que justamente reivindicou que repousasse na terra que perpetuaria a sua memória. Ai vivem os seus familiares, e é nessa região alentejana que em romaria se verterão lágrimas puras de gratidão e saudade.

Procurei na Rádio e Televisão comentários sobre o infausto acontecimento. Debalde. Quando vemos metros de celuloide em banalidades sem significado político ou social, e passa despercebido este acontecimento, ocorre-nos perguntar se o povo de Grândola e o médico eminentemente, neste Portugal novo, seriam merecedores de tal silêncio.

F. Clara Neves

A população de Monte Negro colabora no saneamento da zona

É DIGNA de apreço a acção desenvolvida pela Comissão dos Moradores do Monte Negro, nos arredores da capital algarvia que, eivada de forte sentido construtivo, tem resolvido muitos dos problemas daquela populosa área.

Agora tem vindo a processar-se uma experiência de trabalho que pode ser considerada muito válida e se refere à participação da população na obra do saneamento. Os trabalhos decorrem por administração directa de uma comissão administrativa, formada por um elemento do Gabinete do Planeamento da Região do Algarve e, em representação da população, por três elementos da Comissão de Moradores de Monte Negro.

Estamos assim em presença de um caso em que a população colabora efectiva e activamente na solução de um dos problemas que mais a afectava pois era ali inexistente a rede de saneamento.

Esta actividade insere-se na continuidade de outras já realizadas pelos moradores daquela zona dos arredores do Aeroporto.

Terreno

Vende-se 5 000 m² a 60\$00/m². 5 000 a 15 000 m² com ou sem casa. Respostas a: *Jornal do Algarve*, n.º 15/75 — FARO.